

ACASO SOU GUARDIÃO DE MEU IRMÃO?
AM I MY BROTHER'S KEEPER?

José Eduardo de Siqueira*

Muito se tem dito sobre os avanços extraordinários da medicina que não cessam de nos apresentar novas perspectivas terapêuticas em campos antes reservados ao território da ficção científica. Curiosamente, acompanhando as promessas de vida longa, saudável e plena de vigor, a figura do médico aparece menos valorizada e, cada vez mais, vemos empunhada a bandeira da urgente “humanização da medicina”.

Como explicar este paradoxo? Estariam os profissionais mal formados e sem o adequado domínio das novas tecnologias? A resposta, a nosso ver, é não. Entretanto, impossível negar que o relacionamento médico-paciente está profundamente abalado. Cresce de maneira exponencial o número de denúncias contra médicos e a atividade judicante dos Conselhos de Medicina demonstra que 70% dos processos éticos se deve ao inadequado relacionamento entre profissional e enfermo.

É certo, outrossim, que uma sociedade dominada pelo individualismo obstinado, em que o ser humano perdeu sua condição de sujeito, portador de dignidade e merecedor de respeito, muitos são os fatores que podem ser apresentados como causadores dessa verdadeira catástrofe relacional. Alguns pensadores, entre eles o sociólogo polonês Zygmunt Bauman, definem o mal-estar da pós-modernidade como “tempos líquidos”, por terem sido dissolvidos todos os valores sólidos que nos acompanharam ao longo da história até o início do século 20.

Sem pretender esgotar todas as complexas causas do insatisfatório relacionamento médico-paciente, apontaremos três, que nos parecem essenciais.

O primeiro, não por ser o mais importante, mas por figurar como tendo maior visibilidade, seria a perversa influência que as empresas farmacêuticas e de equipamentos médicos exercem sobre os profissionais, através do oferecimento de benesses como brindes, viagens para participação em congressos até as imorais vantagens econômicas decorrentes do uso privilegiado de equipamentos, como órteses, próteses, cateteres e novos medicamentos. Estes fatos são verdadeiros e inaceitáveis, entretanto, não justificam julgamentos apressados de satanização das empresas, pois as regras impostas pela sociedade capitalista as obrigam a atitudes competitivas nem sempre leais. Estratégias de marketing mais sofisticadas são apontadas por Marcia Angell, professora de medicina de Harvard e ex-editora da Revista *New England Journal of Medicine* que, em seu livro “The truth about the Drug Companies”, denuncia a atriz Lauren Bacall, que durante entrevista ao programa “Today”, de enorme audiência nos Estados Unidos, teria recomendado o uso de determinada droga para o tratamento de degeneração macular, tendo admitido posteriormente ter sido paga pela indústria farmacêutica para prestar o mencionado depoimento.

O exemplar de 5 de maio de 2003 da Revista *British Medical Journal* foi inteiramente dedicado a expor os conflitos de interesses presentes na relação entre médicos e empresas farmacêuticas e de equipamentos. Todos estes fatos são bem conhecidos, o que demonstra que a sociedade civil, bem como as entidades médicas que controlam o exercício da medicina, tem praticado um controle crítico e ativo sobre estes desvios morais.

Os dois outros fatores que mencionaremos a seguir, embora de menor visibilidade, a nosso ver, constituem elementos nucleares da crise de valores que domina a sociedade atual. O primeiro deles, muito bem tratado por pensadores como Ernest Jünger, Martin Heidegger e Hans Jonas, é o da sociedade em que a técnica, por ocupar posição privilegiada e conviver com pessoas acrílicas e subjugadas a um “véu tecnológico”, ganha a condição de um fim em si mesma, ou seja, é dotada de um poder finalístico. Neste modelo, as pessoas esquecem-se que ela (a técnica) sempre foi apenas o braço prolongado da ciência e, portanto, de quem a utiliza. Não se sabe exatamente como a fetichização da técnica se impõe sobre a psicologia humana, como e onde identificar o limite entre uma interação racional e a inexplicável superestimação da novidade biotecnológica. O certo é que o fascínio pela tecnologia domina toda sociedade humana, incluindo médicos e pacientes, o que fez com que Berkley cunhasse a famosa frase: “I like nice equipments”.

Herdamos do século 20, o mais extraordinário desenvolvimento da tecnologia biomédica, que dominou nossas mentes e corações a tal ponto que passamos a subestimar o raciocínio clínico, devotando desproporcional credibilidade à tecnociência.

Bernard Lown, professor emérito da Faculdade de Medicina de Harvard, em “A arte perdida de curar”, deplora a exagerada ênfase que as escolas médicas empregam na formação de profissionais que, segundo ele, serão meros “oficiais-maiores da ciência e gerentes de biotecnologias complexas, desconsiderando a genuína arte de ser médico.”

O mais desconcertante diante desta situação é que parece cada vez mais distante a possibilidade de reconhecermos que a tecnologia é obviamente boa, entretanto, poderá ser prejudicial se usada de maneira insensata e imprudente. Lamentavelmente, a realidade nos mostra que é crescente o contingente de pessoas responsáveis pela formação de profissionais de diferentes áreas do conhecimento que são dominadas pelo que Hannah Arendt denominou “o vazio do pensamento”. Professores universitários que fazem preleções com denso e apropriado conteúdo científico, entretanto, desprovidas de qualquer reflexão ética e humanística sobre os temas apresentados. Parece difícil atender ao clamor de Lown quando pede pela “busca do médico com quem nos sentimos à vontade quando descrevemos nossas queixas, sem receio de sermos submetidos por causa disso a numerosos procedimentos; o médico para quem o paciente nunca é uma estatística e, acima de tudo, (que seja) um semelhante, um ser humano cuja preocupação pelo paciente (seja) avivada pela alegria de servir”. Continuamos a formar, em todas as escolas médicas do país, gerentes de “biotecnologias complexas” e não médicos preparados para cuidar de seres biográficos que, circunstancialmente, adoecem.

Rev. Fac. Ciênc. Méd. Sorocaba, v. 11, n. 2, p. III - IV, 2009

* Ex-aluno da Faculdade de Medicina de Sorocaba, doutor em Medicina e Bioética, presidente da Sociedade Brasileira de Bioética (2005-2007), membro titular da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), membro da Diretoria da International Association of Bioethics (IAB).
 Contato: jtsique@sercomtel.com.br

A última variável que apresentaremos talvez seja a mais complexa e deve merecer nossa maior atenção. Trata-se das mesquinhas escolhas morais que fazemos conduzidos pelo equivocado exercício da autonomia pessoal. A individualização, a perda do sentido de família humana parece ser o mais grave fator desagregador da sociedade. A agenda da modernidade é o território da crítica liberdade de escolhas individuais e não prevê a possibilidade de abster-se da participação deste jogo, o que poderá significar a última partida para os integrantes da equipe que pretende construir sociedade humana mais solidária. Estamos nos referindo ao comportamento ambivalente inspirado em um individualismo predatório. Tendo-se perdido os referenciais éticos da solidariedade, a regra ora prevalente passou a ser: eu posso - eu quero - eu faço, independente das consequências sociais de minhas ações. Deixamos de considerar as três perguntas kantianas que balizam o comportamento ético de cada ser humano: O que é o homem? O que devo fazer? O que me é lícito esperar de minhas ações?

Estudo da UNESCO, realizado em Brasília, entrevistando jovens de classe média, constatou que na percepção deles, humilhar travestis, prostitutas, homossexuais e mendigos (vide caso do índio Galdino, cacique da tribo Pataxó, queimado vivo enquanto dormia em banco de praça pública) seria comportamento de menor gravidade quando comparado a pichação de prédios públicos, destruição de orelhões ou de placas de sinalização de trânsito; 20% dos entrevistados considerou injustificável qualquer punição imposta como decorrência da agressão às mencionadas pessoas. Como esquecer a imagem transmitida pela televisão para todo país mostrando a indignação de um pai diante da prisão de seu filho por considerá-la descabida? Afinal, justificou ele, o rapaz, estudante de direito em faculdade do Rio

de Janeiro, apenas participara de espancamento de empregada doméstica, que aparentava, na percepção dos jovens, tratar-se de uma prostituta. Como poderia aquele jovem, membro de uma família bem estruturada, ser levado à prisão e dividir uma sela com marginais comuns de grande periculosidade?

Recentemente, fato também noticiado por toda imprensa do país, tornou pública imagens de formandos do curso de medicina da Universidade Estadual de Londrina, embriagados, invadindo o Pronto-Socorro do Hospital Universitário, atemorizando pacientes e seus familiares que, diante do comportamento agressivo e desrespeitoso dos jovens, julgaram tratar-se de um grupo de marginais. Não poderiam imaginar, os pacientes internados, que eram médicos e que dias antes transitavam pelos corredores do mesmo pronto-socorro, indicando todo tipo de investigação médica e intervindo sobre seus organismos enfermos como profissionais responsáveis.

No diálogo bíblico, quando Deus pergunta a Caim onde estaria Abel, recebeu como resposta: “Acaso sou guardião de meu irmão?”. A mesma pergunta é formulada cotidianamente por jovens profissionais egressos de nossas universidades. Não somente por eles, mas para todos nós, seres individualizados que cinicamente convivemos com a banalização do mal. É imperioso refletir sobre a pergunta formulada por Emmanuel Levinas em “Humanismo do outro homem”: “Como podem esses sujeitos almejar um estatuto de humanidade e pertença se não se olham no rosto ou se olham com tanta brevidade?”

Seremos pessoas dotadas de moralidade à medida que reconhecermos o outro como ser biopsicossocial e espiritual e aceitarmos todas as responsabilidades que decorrem de nosso relacionamento com ele. No momento em que questionamos este vínculo de dependência e pedimos, como fez Caim, que nos deem razões para assim procedermos, renunciamos à nossa responsabilidade e perdemos a condição de seres morais.



REVISTA DA FACULDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS DE SOROCABA

Agradecemos a colaboração da Associação dos Docentes do CCMB/PUC-SP

Diretoria

Enio Marcio Maia Guerra
João Luiz Garcia Duarte
Celeste Gomes Sardinha Oshiro
José Eduardo Martinez
Dirce Setsuko Tacahashi
Nelson Boccato Jr.